



AS ÁREAS PROTEGIDAS DA GUINÉ-BISSAU

Guia do ecoturismo



Guia concebido pelo
Instituto da Biodiversidade e das
Áreas Protegidas em colaboração
com o Ministério do Turismo e
Artesanato e as ONG que operam
no domínio do ecoturismo



A presente brochura descreve os centros de interesse ecoturísticos das áreas protegidas do país a fim de ajudar os visitantes a fazerem a sua escolha, se documentarem sobre os seus valores patrimoniais e fornecer informações práticas necessárias à organização da sua estadia.

Devido a sua história, a configuração do seu território e a sua localização geográfica, a Guiné-Bissau possui um património cultural e natural de grande valor. As três dezenas de etnias presentes no seu solo desenvolveram laços de intimidade com o seu meio e conservaram até aos nossos dias ambientes naturais em equilíbrio. O país, situado numa zona de transição climática, apresenta uma grande diversidade de paisagens desde as savanas do nordeste até às florestas densas do sul, passando pelos mangais ao longo do litoral e pelo arquipélago dos Bijagós ao largo da costa. A Guiné-Bissau dispõe de múltiplas potencialidades em matéria de ecoturismo: a riqueza do património cultural e o carácter acolhedor das

Guiné-Bissau, terra da biodiversidade

populações, a beleza e a proximidade dos sítios, a integridade das paisagens e a presença de numerosas espécies animais emblemáticas como o chimpanzé, o hipopótamo ou as tartarugas marinhas fazem dela um país com uma forte vocação para um tipo de turismo em plena expansão.

Foram realizados esforços consideráveis para criar um sistema nacional de áreas protegidas destinado a cobrir cerca de um quarto do território nacional, englobando uma amostra dos ambientes naturais melhor preservados. Estes espaços são ocupados por comunidades cujos saberes, cultura e modos de vida estão ligados ao seu ambiente natural. Esta característica oferece uma dupla oportunidade, dar conteúdo às visitas de descoberta e simultaneamente criar receitas alternativas em benefício destas comunidades.



ARQUIPÉLAGO DOS BIJAGÓS



Um mundo à parte onde a natureza e a cultura se alimentam mutuamente

Este conjunto insular é um antigo delta transformado em arquipélago depois da subida do nível do mar. É o único arquipélago deltaico da costa africana e o maior complexo de vasas do continente.

Os 32 500 habitantes, dos quais cerca de 90% pertencem à etnia bijagó, apenas ocupam de forma permanente 21 das 88 ilhas e ilhéus presentes. As ilhas de Bolama e de Bubaque dispõem de porto de águas profundas e são centros administrativos e de serviços ligados às principais atividades económicas: a agricultura, a pesca e o turismo. O Arquipélago dos Bijagós tem 32 500 habitantes, dos quais cerca de 90% pertencem à etnia bijagó. Das 88 ilhas e ilhéus, apenas 21 são ocupadas de forma permanente. As ilhas de Bolama e de Bubaque dispõem de porto de águas profundas e são centros administrativos e de serviços ligados às principais atividades económicas:

a agricultura, a pesca e o turismo. A conservação das paisagens e dos ambientes naturais é assegurada em primeiro lugar pelo modo de gestão dos Bijagós. Os locais e os recursos estratégicos são protegidos pelos espíritos e a sua utilização é estabelecida no quadro de cerimónias mágico-religiosas. Numerosos sítios e ilhéus dispõem de um estatuto sagrado que lhes confere um elevado nível de proteção. Estas medidas de gestão tradicionais inspiraram as regras e a zonagem da Reserva de Biosfera criada em 1996 no quadro do Programa MAB da UNESCO e a classificação de três áreas protegidas.





O conselho dos anciãos

Uma organização social baseada em classes de idade

Cada aldeia que agrupa em média 100 a 200 pessoas, pode ser considerada uma entidade política, económica e religiosa. A organização social é baseada na distinção por classes de idade que conduz os jovens progressivamente ao estatuto de adulto atravessando uma sucessão de etapas através de cerimónias de iniciação. Para transitar de uma classe de idade para outra os mais jovens devem efetuar pagamentos rituais aos anciãos, geralmente constituídos por produtos naturais da biodiversidade (moluscos, peixe,

carne de tartaruga, vinho de palma, etc.), a fim de receberem em troca os segredos do conhecimento. Este pagamento ritual é necessário para obter o estatuto de adulto e o que ele gera: o direito à terra, ao casamento, a pertença a categoria dos que recebem e não à daqueles que dão, e a perspectiva de uma viagem serena para o outro mundo. Os momentos mais importantes da existência são acompanhados de cerimónias, oferendas aos espíritos e danças rituais. Nessas ocasiões têm lugar danças

com máscaras de touros, de tubarões, peixes-serra e hipopótamos, executadas de maneira espetacular pelos jovens, enquanto as mulheres dão o ritmo batendo em cabaças. Estas representações, que exaltam as forças da natureza, expressam a vitalidade e a coesão da comunidade, e ao mesmo tempo simbolizam as ligações que os bijagós mantêm com a natureza através de uma cosmogonia particularmente rica.



Um sistema de produção baseado no equilíbrio entre a terra e o mar



Apanha de moluscos

O sistema de produção bijagó é baseado na exploração dos palmares, do arroz e dos produtos do mar. O cultivo do arroz é feito geralmente sobre queimadas. Um sistema de pousio permite a recuperação dos solos. Outras espécies cultivadas são o feijão, o amendoim e o inhame. Além do óleo, os frutos, e o vinho de palma, os produtos da palmeira são utilizados de múltiplas maneiras. O tronco é utilizado para o vigamento das casas ou a drenagem dos arrozais, as folhas servem para materializar os tabus, para confeccionar vassouras ou cordas e para conservar ou transportar o peixe. A nervura central das folhas é utilizada para a cobertura das casas, a confeção de bancos, cestos e cintos para subir as palmeiras. A expansão do caju, incentivada pelo advento de uma economia monetarizada, tende a reduzir a prepon-derância da palmeira e do arroz. Os produtos do mar desempenham um papel importante, particularmente os moluscos, que representam a principal fonte de proteína animal. A pesca propriamente dita desempenha um papel secundário fora dos períodos de iniciação, em que armadilhas para peixes feitas de material vegetal são instaladas em locais especialmente dedicados a este fim. Pescas cerimoniais são realizadas pelas mulheres utilizando ramos de palmeira tecidos e que podem ser considerados os primeiros ancestrais das redes de pesca.

A arte bijagó

Através de esculturas, pinturas murais e danças, a arte bijagó exprime a riqueza da sua cosmogonia. A maioria dos objetos de carácter ritual apresenta esculturas zoomórficas em madeira de uma grande sensibilidade estética: bancos cerimoniais, bengalas, colheres, diversos recipientes são decorados com cabeças de animais emblemáticos como o hipopótamo, o tubarão-martelo ou o íbis-sagrado. Os trajes de dança, máscaras, adereços dorsais, braceletes representam as forças da natureza como touros, tubarões ou peixes-serra. As pinturas murais, particularmente aquelas que decoram os santuários, representam as mesmas espécies mas, também motivos geométricos originais.

- 1 & 2 : pinturas murais
 3 : Lugar sagrado
 4 : *Iran* (espírito) da ilha de Canhabaque
 5 : Dança ilha de Formosa
 6 : Máscara de dança tubarão-martelo
 7 : Braclete de ombro para a dança
 8 : Atributos dos anciãos



Os meios terrestres compostos de savanas e palmares

A parte terrestre das ilhas é ocupada sobretudo por savanas e palmares. As primeiras constituem vastas extensões de gramíneas e são exploradas para a criação de bovinos e para o corte da palha que serve para a cobertura das casas. As savanas mais húmidas são exploradas para o cultivo de arroz na estação das chuvas. As savanas do Parque Nacional de Orango (PNO) constituem um habitat para o antílope jeroglífico (gazela pintada) e o hipopótamo. As com menor drenagem transformam-se em lagos na estação das chuvas e são procuradas pelas garças, patos e designadamente

marrecas, gansos-de-esporão e gansos-do-egipto, assim como pelos crocodilos pretos.

Na maioria das ilhas existem alguns vestígios de florestas. Ficam mesmo algumas manchas de florestas sub-húmidas, nomeadamente nos ilhéus sagrados e nos recintos de iniciação. As grandes árvores são utilizadas pelo raríssimo papagaio cinzento de Timneh para nidificação, bem como por colónias de aves aquáticas (pelicanos, íbis, colhereiros, corvos-marinhos).

Praia ilha de João Vieira

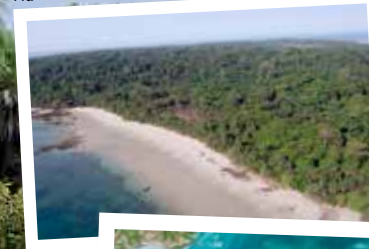


Imagem-satélite Parque Nacional de Orango

Um santuário de raias e tubarões

O arquipélago é caracterizado pela diversidade da sua população de peixes predadores, particularmente de raias e tubarões, para os quais é considerado um santuário. Entre as espécies presentes citamos os tubarões tigre, o martelo, o limão, o buldogue, o touro, assim como duas espécies de peixe-serra em vias de extinção. Trinta e uma das quarenta e duas espécies recenseadas no arquipélago estão globalmente ameaçadas.

As raias e os tubarões têm uma maturidade sexual tardia (por vezes até aos 15 anos) e reproduzem um pequeno número de juvenis, particularidade recompensada por tempos de vida importantes no estado natural. Esta estratégia de reprodução não é compatível com a pressão de pesca, explicando assim a situação crítica desta família de peixes. Os tubarões e peixes-serra ocupam um lugar privilegiado na cosmogonia bijagó, nomeadamente através das máscaras de dança, das pinturas murais e das esculturas.

Máscaras de dança peixes-serra



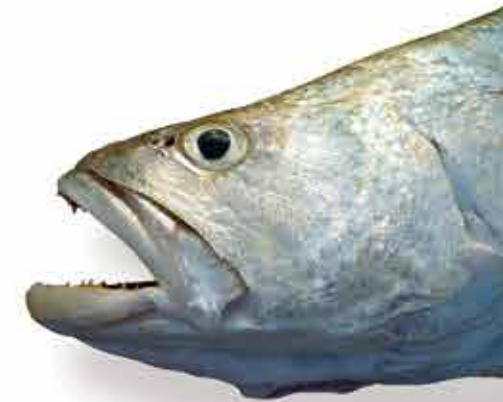
Peixe-serra, uma espécie em extinção

Um meio marinho rico em biodiversidade

A influência dos estuários e das correntes marinhas por um lado, e a presença de vasas e mangais por outro, explicam a riqueza das águas do arquipélago. Estas influências estão na origem de uma forte produção de plâncton, base alimentar de pequenos peixes que vivem em bancos (galuchas, sardinelas) e que constituem presas para os predadores como encharéus, bicudas, diferentes espécies de tubarões, assim como para duas espécies de golfinhos, o golfinho-corcunda e o roaz-corvineiro. A riqueza em peixe levou a criação de vários acampamentos de pesca desportiva no arquipélago, onde foram registados vários recordes. Uma grande diversidade de aves marinhas entre as quais andorinhas-do-mar, corvos-marinhos ou pelicanos também se alimentam destes peixes.



Golfinho roaz-corvineiro



O mais importante complexo de vasas do continente africano

O arquipélago apresenta o mais importante complexo de vasas do continente africano. Quando a maré está baixa quase um terço do arquipélago fica descoberto, enquanto na maré alta apenas emergem as ilhas no seu estojo de praias ou de mangais.

Em cada enchente da maré, o mar deposita nos bancos de lama quantidades de matéria vegetal, sobretudo das folhas de tarrafes em decomposição. Esta matéria orgânica alimenta a miríade de organismos que vive na superfície das vasas ou em galerias: plâncton, bactérias, vermes, moluscos, caranguejos e camarões. Todos estes invertebrados constituem uma fonte de alimento para os peixes, as aves e os seres humanos.

Imagem satélite do arquipélago dos Bijagós e da zona costeira da Guiné-Bissau

Maçarico-galego



As limícolas, uma ligação viva entre Europa e África

As limícolas são pequenas aves pernaltas migratórias pertencentes a uma quinzena de espécies: maçaricos-reais, limosas, galinholas, tarambolas, borrelhos, etc. Alimentam-se de pequenos invertebrados na lama partilhando os recursos graças às suas diferenças morfológicas: limosas e maçaricos-reais têm longos bicos com os quais vasculham a lama em profundidade, enquanto borrelhos e tarambolas, de bico curto, caçam à vista na superfície. De dia e de noite, dispersam-se pela lama durante a maré baixa para se alimentar. Quando a maré sobe deslocam-se em grandes voos para os ilhéus e mangais que lhes servem de lugares de repouso.

As limícolas que se observa na nossa costa partem em migração em março-abril para o norte da Europa, a Sibéria e a Gronelândia, percorrendo assim mais de 6 000 km para irem desovar. No fim do verão as noites alongam-se, as temperaturas descem e as suas presas diminuem. Então regressam para sul.

Durante esta migração fazem escala em sítios intermédios, espécie de estações de serviço, para criarem reservas de gordura que lhes servem de combustível para esta longa viagem. À semelhança de turistas, ficam durante seis meses ao longo do litoral africano e em particular no arquipélago dos Bijagós, que acolhe quase um milhão delas, as maiores concentrações conhecidas após as do Banco de Arguin na Mauritânia.



Voo de limícolas ilhas de Urok



Fuselo



Pilrito-das-praias

O mangal, florestas no mar

O mangal é uma formação vegetal composta de diferentes espécies de plantas especializadas e sobretudo de tarrafes. Para sobreviver na água do mar erguidos na lama, os tarrafes desenvolveram um conjunto de adaptações que lhes permite fornecer oxigénio às partes radiculares quer através da presença de raízes aéreas, quer de raízes respiratórias que emergem na superfície do solo.

A existência desta formação vegetal, com o seu sistema radicular particularmente denso, tem como efeito proteger a costa da erosão marinha. Os mangais também constituem um ambiente importante para a reprodução dos recursos haliêuticos: as ostras fixam-se nas raízes aéreas, os crustáceos participam na decomposição das matérias vegetais e são consumidos por peixes e aves aquáticas. Além dos recursos haliêuticos, os mangais ofere-

cem uma vasta gama de produtos úteis: madeira, cortiça, frutos, mel, sal, assim como diversos ingredientes da farmacopeia tradicional. Se os mangais são importantes para todos estes recursos, eles constituem também um ambiente notável pela sua biodiversidade: aves, crocodilos, macacos, lontras, manatins e hipopótamos encontram nele abrigo ou um local de alimentação privilegiado em função das horas das marés.



Gargá-dos-recifes

Manatins



O manatim, na origem da mitologia das sereias

O manatim é uma espécie de mamífero aquático da família dos sirenídeos. O seu corpo é maciço (os adultos podem pesar até 750 kg), cilíndrico e alongado, prolongado por uma cauda larga e arredondada. A cabeça é redonda, dotada de um focinho e de lábios carnudos com os quais apanha a vegetação aquática, um regime herbívoro único nos mamíferos marinhos. Estas características justificam o seu nome popular de vaca marinha ou de pis bus (peixe-vaca) em crioulo. É uma espécie secreta que vive nas águas turvas dos mangais e que deu origem à mitologia das sereias. Nos países da região conta-se assim a origem do manatim: uma jovem que tomava banho na margem do rio, tendo sido surpreendida por um caçador, decidiu atirar-se à água para esconder a sua nudez. Então transformou-se em manatim...

As densidades relativamente elevadas de manatins no arquipélago explicam-se pela extensão dos tarrafes cujas folhas e frutos eles procuram para se alimentar, pela existência de fontes de água doce submarinas e pela baixa pressão humana. No entanto, o manatim continua a ser uma espécie ameaçada na África Ocidental e a existência deste santuário dos Bijagós é crucial para a sua conservação.



Combê

Um modelo de conservação inspirado na gestão tradicional bijagó

A conservação dos ambientes naturais e dos seus recursos é originalmente assegurada pelos modos de gestão dos bijagós. Os locais e os recursos estratégicos são protegidos por espíritos e a sua utilização é estabelecida no quadro de cerimónias religiosas ou de regras tradicionais. Numerosos lugares têm um estatuto sagrado e beneficiam assim de um elevado nível de proteção.

Estas medidas de gestão tradicionais inspiraram as regras e a zonagem da Reserva da Biosfera criada em 1996 no quadro da UNESCO. Uma parte das zonas centrais beneficiou de um estatuto de conservação formal sob a forma de área marinha protegida. Trata-se de:

O Parque Nacional Marinho das Ilhas de João Vieira e Poilão

um conjunto de ilhas sagradas que abriga a principal colónia de tartarugas verdes do continente africano

O Parque Nacional de Orango

que se caracteriza pelo índice de biodiversidade mais elevado do arquipélago

A Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas Urok

pelas suas concentrações de aves aquáticas e manatins

Eclosão de tartarugas



Lagoa de hipopótamos



Limícolas em repouso



O arquipélago obteve em 2014 o estatuto de zona húmida de importância internacional no quadro da **Convenção de Ramsar**. Está em andamento um processo de pedido de classificação como **Património Mundial da Humanidade** para o reconhecimento do carácter universal excecional do seu património.

Cerimónia no espírito da ilha (Poilão)



Assembleia geral da AMPC Urok

PARQUE NACIONAL DE ORANGO



Mosaico de habitats naturais

Savanas, mangais, lagunas, vasas e baixos
Zona de reprodução de recursos haliéuticos



Biodiversidade notável

Hipopótamos marinhos, manatins, lontras, crocodilos,
tartarugas marinhas, golfinhos, aves aquáticas



População residente

2 500 habitantes repartidos em 33 aldeias; a etnia bijagó
é maioritária, representando 95% da população



Atividades humanas

Orizicultura, exploração da palmeira e do caju,
apanha de moluscos, pesca, artesanato

O Parque Nacional engloba as ilhas de Orango, Menegue, Canogo, Imbone e Orangozinho, cobrindo 1 582 km² para proteger a maior biodiversidade do arquipélago e paisagens únicas.

Afastadas do continente, as ilhas de Orango mantiveram um inegável carácter selvagem. Quer se desloque a pé ou de canoa, a sua descoberta oferecerá maravilhas ao naturalista, ao amante de paisagens ou ao antropólogo amador. O primeiro observará delfins, manatins, crocodilos ou hipopótamos, e cerca de 250 espécies de aves. O segundo contemplará paisagens ainda virgens de savanas, florestas e mangais que proporcionam uma rara sensação de harmonia. Quanto ao último, experimentará belos encontros nas aldeias, os arrozais ou os palmares e, se a sorte o permitir, assistirá a uma das muitas cerimónias que marcam a vida dos Bijagós.





Hipopótamo marinho dos Bijagós, um animal totêmico

A população de hipopótamos do arquipélago é a única com característica de viver no ambiente marinho. Os indivíduos passam o dia no mar ou nos mangais e só saem à noite para irem se alimentar nas savanas. Na estação das chuvas alguns indivíduos aproveitam o alagamento de zonas húmidas para encontrar o seu ambiente de origem e dar à luz a sua prole. Adivinha-se por vezes a sua presença ao ouvir os poderosos grunhidos que trocam entre si. Podem ser perigosos sobretudo para as pirogas que passam nas proximidades. Deixando de ser caçados como antigamente, os efetivos parecem estar em aumento, nomeadamente no Parque Nacional de Orango, onde atingem cerca de 130 indivíduos. Perante o risco de danos às culturas, foram instaladas cercas elétricas solares nos arrozais, permitindo duplicar a produção anual de arroz. O pis-cabalo (peixe-cavalo), animal totêmico por excelência dos habitantes das ilhas de Uno e de Orango, é uma das espécies mais representadas na escultura, na pintura e nas danças.



Lagoa de hipopótamos



Casa comunitária aldeia de Anôr



Gansos-do-egipto



Orango : Trilhos de descoberta

1 Lagoas com hipopótamos e aves aquáticas

Miradouros facilitam a observação dos hipopótamos. Uma casa de passagem comunitária, situada na aldeia de Anôr, serve de acampamento de base para visitar esta parte da ilha de Orango e conhecer melhor uma aldeia bijagó e seus habitantes. Pode-se chegar à aldeia a pé a partir de Eticoga (12 km) ou alugando um barco no Orango Parque Hotel ou em qualquer outro acampamento do arquipélago.

2 Arrozais e palmares

Entre os meses de agosto e dezembro observa-se uma atividade permanente nos arrozais. Cultivados segundo procedimentos tradicionais engenhosos, oferecem uma paisagem de grande beleza.

3 Aldeia bijagó

A visita da aldeia de Ambuduco permite-lhe familiarizar-se com as condições de vida dos Bijagós e observar o raro papagaio cinzento de Timneh.

4 Mangais

Os tarrafes que crescem no mar compõem uma paisagem estranha e um ecossistema apaixonante a descobrir. Passeios de kayak ou de barco a motor podem ser organizados a partir do Orango Parque Hotel.

5 Imbone

Avifauna, crocodilos, hipopótamos.



Papagaio cinzento de Timneh

PARQUE NACIONAL MARINHO DAS ILHAS JOÃO VIEIRA & POILÃO



Habitats naturais

Ilhas, florestas, praias, fundos rochosos
Zona de reprodução e de migração de peixe



Biodiversidade notável

Tartarugas marinhas, papagaio cinzento de Timneh,
aves marinhas e pernaltas.



População

As 4 ilhas principais, sagradas, são propriedade
tradicional de 4 tabancas da ilha de Canhabaque



Atividades humanas

Orizicultura, exploração das palmeiras,
pesca, extração de conchas



Sede do Parque Nacional, ilha de João Vieira

Este parque insular cobre 500 km² para proteger nomeadamente a terceira maior colónia de tartarugas verdes do atlântico e paisagens únicas. Ilhas desertas, praias de areia branca bordejadas de florestas tropicais, lugares de descanso de aves marinhas que criam uma atmosfera inesquecível.

Situadas a sul do arquipélago, perto da vizinha República da Guiné, as ilhas deste parque caracterizam-se pelas suas belas praias e uma relativa ausência de mangais. Onde quer que se olhe há sempre uma ilha ao largo, postada no horizonte. Esta impressão de viver longe de qualquer terra habitada, entre as tartarugas e as aves marinhas, na orla de florestas habitadas pelos papagaios, constitui uma experiência única.



Tartaruga-verde

Tartaruga-verde

O lugar de encontro das tartarugas marinhas do Atlântico

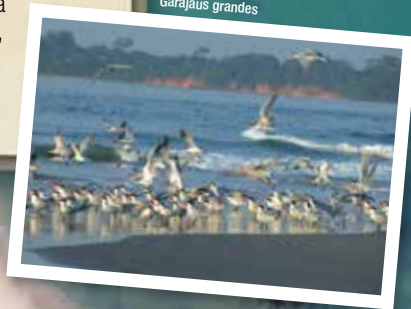
Grandes praias de areia branca desenharam o contorno de numerosas ilhas do arquipélago. Além do seu valor paisagístico e do seu interesse turístico, elas desempenham um papel crucial para a reprodução das tartarugas marinhas. Nas praias da ilha de Poilão são observadas as maiores densidades, com um número de ninhos que varia entre 7 000 e 37 500 dependendo dos anos, constituindo o local de reprodução da tartaruga verde mais importante da África e um dos três mais importantes do mundo.

As pesquisas realizadas no Parque Nacional Marinho de João Vieira e Poilão mostraram, com o apoio de emissores de satélite, que os adultos migram para as águas da Mauritània após a reprodução. As análises genéticas mostraram uma conectividade entre as praias de Poilão e os locais de alimentação no Brasil e na Argentina, indicando a existência de migrações dos juvenis através do Atlântico. A temperatura da areia determina o sexo dos indivíduos à nascença: uma subida da temperatura aumenta a proporção de fêmeas. Contrariamente a maioria dos sítios onde o aquecimento climático provoca uma feminização das populações, a proporção do sexo das tartarugas nascidas em Poilão é equilibrada, e os ninhos cavados à sombra das árvores produzem sobretudo machos. A ilha de Poilão, com a sua floresta, desempenha assim um papel estratégico na sobrevivência da espécie face às alterações climáticas.



Tartaruga-verde jovem

Garajaus grandes



Os papagaios Cinzentos de Timneh

Uma espécie raríssima cujos principais efetivos podem ser observados nas ilhas de Meio e de João Vieira. A sua conservação coloca alguns problemas, relacionados particularmente com a manutenção das florestas e das grandes árvores onde constroem o seu ninho.

Visitar, descobrir...

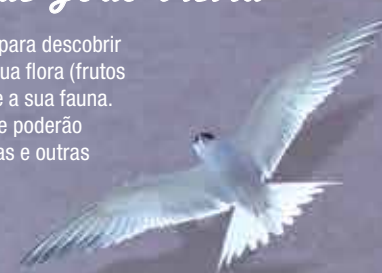
A colónia de tartarugas marinhas da ilha de Poilão

A observação das tartarugas é feita durante o período de reprodução, entre Julho e Dezembro. O acampamento pode acolher o máximo de 15 visitantes simultaneamente para não perturbar os animais e a observação da desova durante a noite. A partir de novembro observa-se a eclosão das tartarugas bebés. Um guia fornecer-lhe-á informações sobre a biologia das tartarugas e as condições a respeitar para a observação.



Fauna e flora de João Vieira

Um guia poderá acompanhá-lo para descobrir a parte florestal da ilha com a sua flora (frutos silvestres, plantas medicinais) e a sua fauna. A visita terminará na praia, onde poderão ser observadas as aves marinhas e outras pequenas pernaltas.



Bubaque, capital económica do arquipélago

Devido a sua posição central no arquipélago e ao seu porto de águas profundas, a ilha de Bubaque e a vila que leva o seu nome são na maioria das vezes o lugar a partir do qual os visitantes se dirigem a outros pontos do arquipélago. É o destino do barco de carreira que parte de Bissau e onde se situa uma grande parte das estruturas de acolhimento para os turistas, incluindo a pista de aviação que recebe visitantes provenientes de Bissau ou do Senegal. Existem dois pequenos museus, nomeadamente na Casa do Ambiente e da Cultura Bijagó, que é a sede da Reserva

da Biosfera e onde se obtém as informações relativas à visita dos parques nacionais. A ilha em si mesma merece ser visitada devido às suas aldeias, as suas praias, particularmente a praia de Bruce, situada no sul e à qual se pode chegar de bicicleta alugada no local. Os habitantes da aldeia de Bijante são conceituados escultores. Cada ano é organizado um festival cultural na Páscoa, assim como um carnaval. A partir de Bubaque, canoas ligam às principais ilhas do arquipélago mas, por razões de segurança, é de preferir as vedetas dos acampamentos turísticos.



Palácio do Governador



Casa colonial

A cidade de Bolama, antiga capital da Guiné portuguesa

Devido ao seu porto de águas profundas e ao abrigo de todos os ventos, Bolama despertou a cobiça dos colonos europeus desde o século XVI para instalar uma base militar e comercial destinada nomeadamente ao tráfico de escravos para as plantações brasileiras de cana-de-açúcar. Franceses, ingleses e portugueses reivindicaram alternadamente a posse da ilha, até à arbitragem em 1871 do Presidente dos Estados Unidos, Ulysses Grant, a favor de Portugal. Numerosos edifícios ainda conservam traços deste passado colonial. Antigas casas comerciais,

com as suas amplas varandas, assim como o palácio do Governador ou o edifício das alfândegas, testemunham a época em que a cidade era a capital do país (1879-1941) e recebia no seu porto até 249 navios por ano. Hoje em dia, embora seja capital administrativa do arquipélago, uma grande parte de Bolama parece adormecida, como esquecida pela história. O desenvolvimento de um turismo de memória pode ser determinante para imprimir um novo dinamismo à cidade.

COMO ORGANIZAR A SUA VISITA AO ARQUIPÉLAGO

Como chegar ao arquipélago?

Um barco de carreira parte todas as sextas-feiras do porto comercial de Bissau, perto da maré cheia. Informações e pagamento (cerca de 15 000 Fcfa ida e volta) no porto comercial. Regresso a partir do porto de Bubaque aos domingos perto da maré baixa.

Transportes privados de barco são organizados pelos acampamentos turísticos e podem levá-lo a Bubaque, às áreas protegidas ou aos acampamentos.

Visita aos parques nacionais

A área marinha protegida comunitária das ilhas de Urok está temporariamente sujeita a condições especiais de visita. Com efeito, apenas a sua zona periférica é acessível, nomeadamente para praticar a pesca desportiva ou observar as aves. Os parques nacionais de Orango e de João Vieira e Poilão estão abertos ao público, mediante o pagamento de uma taxa de entrada. Há pessoas prontas para vos acolher na ilha de Orango (Orango Parque Hotel e



Praia da ilha de Meio

Casa Comunitária de Anôr, na ilha de João Vieira (Chez Claude) e na ilha de Poilão (acampamento de tartarugas marinhas) e organizar a vossa visita nestes dois parques. Condições de visita, informações e preços de entrada na Casa do Ambiente e da Cultura Bijagó (Bubaque), nos acampamentos e na sede do IBAP em Bissau.

Casa do Ambiente e Cultura Bijagó (Bubaque)



Aldeia da ilha de Canhabaque



Onde hospedar-se no arquipélago?

ARQUIPÉLAGO DOS
BIJAGÓS

Rubane

Chez Bob (+245) 966 10 91 49 - bob.acaja@gmail.com - www.chez-bob.sitew.com

Ponta Anchaca (+245) 966 05 60 32 / 966 39 43 52
pontaanchaca.ruban@gmail.com - www.pontaanchaca.net

João Vieira

Chez Claude (+245) 966 17 95 77 / 955 27 07 98
bijagosjoaovieirachezclaude.blogspot.com

Orango

Orango Parque Hotel (+245) 966 60 50 15 / 955 35 24 46
info@orangohotel.com - www.orangohotel.com

Casa comunitária de Anôr (+245) 966 60 23 19 /
955 38 36 42 - ecoibap@gmail.com

Kéré

M'île vagues de Découvertes (+245) 966 99 38 27 /
966 79 49 65 - laurentsonia.kéré@gmail.com
France: kere.bijagos@gmail.com (+33) 06 65 67 55 88
<http://bijagoskere.fr> - <http://aventure-corubal.fr> -
Facebook: Île de Kéré

Ancurai (Unhocomozinho)

Acunda Atlantic Evasion: (+221) 33 820 76 75
contact@atlantic-evasion.com ericsamb21@gmail.com
<http://www.atlantic-evasion.com/Welcometo+Bijagos+Acunda>

cf.
mapa
p.5





O maior conjunto de mangais da África Ocidental

O Parque Natural dos Tarrafes do Rio Cacheu está situado no noroeste do país, nas proximidades de Casamance. Como o seu nome o indica, integra uma parte do rio Cacheu e protege o maior bloco de mangal contínuo da África Ocidental.

Uma parte do Parque Natural situada a sul do rio abrange a cidade histórica de Cacheu, antigo porto de escravos e primeira capital da antiga Guiné Portuguesa. Compreende igualmente um conjunto de florestas e savanas que compõem paisagens admiráveis. A gentileza e o acolhimento dos habitantes, em aldeias rodeadas de grandes árvores que albergam os espíritos, contribuem grandemente para o prazer das visitas.

Pode-se ir à parte norte do Parque de barco ou de carro. A via fluvial tem a vantagem de fazer descobrir o ambiente singular dos tarrafes. Cruza-se com algumas raras canoas à remo e bandos de aves que levantam voo à passagem. A visita às aldeias desta parte do Parque tem um forte impacto estético: a harmonia das casas, o desenho dos arrozais, os conjuntos de árvores dispersos pela savana, tudo aqui respira a intimidade do ser humano com a natureza.



As populações presentes

O Parque é ocupado por cerca de 28 000 habitantes, agrupados em 44 aldeias. Eles pertencem a várias etnias, principalmente animistas, entre as quais os Felupes, Baiotes, Manjacos, Cobianas, Balantas e Banhuns são os mais representados. A sua presença dentro do Parque significa que não se trata de um espaço do tipo “reserva integral” mas de ambientes naturais geridos com precaução por comunidades que acumularam saberes preciosos sobre a natureza. As florestas são exploradas para a agricultura sobre queimadas e diversos recursos como os frutos silvestres, o mel, as plantas medicinais ou o vinho de palma. Parte delas é protegida sob a forma de florestas sagradas que albergam os espíritos e servem de cenário às cerimónias tradicionais. Estas comunidades enfrentam os desafios da modernidade e nomeadamente das alterações climáticas, tendo em conta a extrema dependência da sua agricultura do regime das chuvas e da subida do nível do mar. O turismo, ainda muito modesto, pode representar uma fonte de receitas complementar na sua economia.



Deslocação de mulheres para os arrozais e mulher manjaco e a sua tecelagem tradicional

Cestaria



Forte de Cacheu

Cacheu, uma cidade histórica

A cidade de Cacheu emite irresistivelmente uma atmosfera carregada de história. Será a presença do forte militar, vestígio do *descobrimento* português e ao que as águas do rio vêm lamber as muralhas? É a memória antiga e os sofrimentos do caminho dos escravos que partiam de Cacheu em direção às margens improváveis do Novo Mundo? Ou é ainda a oscilação das marés que embala a languidez dos seus habitantes e, como um metrônomo, comanda o movimento das canoas sobre o rio? Um facto incontestável é que a cidade irradia uma poesia própria que convida a deixar-se levar por ela, indo visitar por exemplo o memorial da escravatura e o antigo forte militar.

O rio Cacheu

O rio Cacheu não é um rio propriamente dito. É um braço de mar que recebe pouca água doce, fora da estação das chuvas. A influência das marés faz-se sentir até 150 km da sua embocadura, e dirige os ritmos de vida: movimentos da fauna, atividades humanas, variações das paisagens... No fundo da água ou agarradas em cachos às raízes de tarrafas, as

ostras selvagens são apanhadas pelas mulheres. No segredo do rio vivem e reproduzem-se peixes e crustáceos de toda a espécie, aproveitando a produtividade dos mangais, antes de regressar ao largo onde serão capturados pelos pescadores. É lá também que se ocultam manatins e hipopótamos, na origem de numerosas lendas.



Canoa tradicional

Pescador felupe

Aldeia de Bolol



Flamingos-comuns



Nos tarrafas do rio Elia

O mangal, árvores para os peixes

Guiné-Bissau é um país de mangais por excelência. Os estudos mais recentes a nível mundial classificam o país no primeiro lugar em proporção da sua superfície, ou seja cerca de 9% do território nacional.

O mangal é composto de tarrafas capazes de sobreviver na água do mar, erguidos na lama graças às suas raízes aéreas. A sua presença na interface dos ambientes marinho

e terrestre tem como efeito proteger as costas da erosão marinha e das tempestades.

Fora dos recursos em peixes e crustáceos que neles encontram condições ideais para a reprodução, os mangais oferecem uma vasta gama de produtos: madeira, cortiça, frutos, mel, sal, assim como diversos ingredientes da farmacopeia tradicional que participam largamente na

economia local. O ambiente também é notável pela sua biodiversidade: cerca de 275 espécies de aves foram recenseadas no parque, entre as quais numerosas espécies migratórias vindas da Europa, mas também crocodilos, macacos, lontras, manatins e hipopótamos que encontram no mangal um abrigo ou um local de alimentação dependendo das horas das marés.

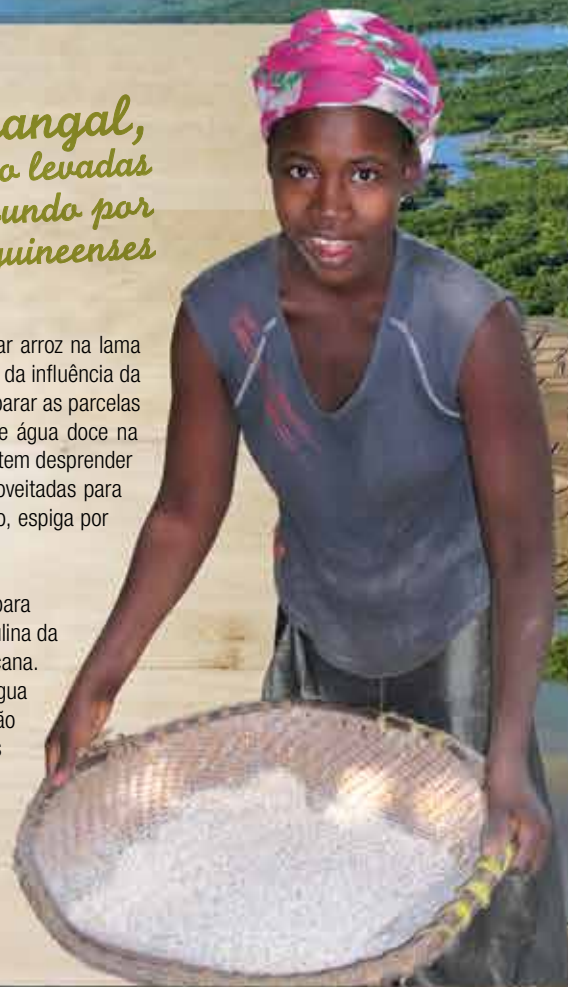


Aldeia de Eia

O arroz de mangal, técnicas de cultivo levadas para o Novo Mundo por escravos guineenses

Os Felupes e os Balantas fazem parte das raras etnias capazes de cultivar arroz na lama salgada dos mangais. Constroem um dique de cintura para isolar a parcela da influência da água do mar. Uma vez cortados os tarrafas, são levantados diques para separar as parcelas interiores. Os sulcos são profundos, para conterem grande quantidade de água doce na estação das chuvas, enquanto os camalhões, dado serem mais altos, permitem desprender as raízes do arroz da parte salgada do solo. As primeiras chuvas são aproveitadas para dessalinizar o solo, e a seguir é feito o transplante. A colheita é feita à mão, espiga por espiga.

Esta orizicultura de mangal precisa de uma força de trabalho considerável para construir os diques e cavar os sulcos. É utilizada toda a mão de obra masculina da aldeia, apoiada pelo canto das mulheres e alguma dose de aguardente de cana. No fim das chuvas os diques são abertos novamente para deixar entrar a água do mar que traz os seus nutrientes, impedindo ao mesmo tempo a acidificação do solo. Os arrozais transformam-se então em lagoas e são invadidos pelas aves aquáticas, revelando a harmonia ainda existente entre o ser humano e a natureza. Numa época em que se colocam questões de transferência de tecnologia entre o Norte e o Sul, é bom saber que estas práticas culturais foram levadas para o Novo Mundo por escravos guineenses.



No caminho para o transplante



Colheita



Manutenção dos diques

Arrozais de mangal



Pica-peixinho-de-poupa

COMO ORGANIZAR A SUA VISITA

Informar-se

Aconselha-se dirigir-se às sedes do Parque, na entrada da cidade de Cacheu ou de São Domingos, para obter informações sobre as modalidades de visita e sobre o aluguer de canoas e pirogas. As visitas de barco dependem dos horários da maré. Mais informações na sede do IBAP, em Bissau (Bairro de Luanda).

Visitar, descobrir

Os guias podem fazê-lo descobrir os seguintes circuitos:



Aldeia de Binhogo

- 1 • **A cidade histórica de Cacheu** com o forte construído pelos portugueses em 1588 para controlar o tráfico de escravos na região, o museu da escravatura, a capela
- 2 • **Passeio de canoa** nas proximidades de Cacheu, no rio Blimbom: mangais, avifauna, floresta sagrada
- 3 • **Aldeia de Cobia** : floresta sagrada, património cultural, peregrinação dos Manjacos
- 4 • **Viagem de piroga** entre Cacheu e São Domingos: mangais, arrozais, avifauna
- 5 • **Aldeias felupes** : paisagens, arrozais, tarrafes, património cultural, festa da colheita do arroz



Aldeia de Elia



Onde hospedar-se ou comer no Parque e seus arredores?

cf. mapa p.31



PARQUE NATURAL DOS
TARRAFES DO
RIO CACHEU

Cacheu

Sede do Parque (+245) 955 70 31 72 / 955 59 74 26

ecoibap@gmail.com - www.ibap-gb.org

Babu Restaurante e Bar (+245) 966 25 10 10

Canchungo

Casa Canchungo (+245) 955 65 12 72 /

(+33) 6 73 30 77 51

www.casacanhungo.com

São Domingos

Octavio Hôtel - Restaurante (+245) 966 64 22 05 /

(+245) 966 61 79 96

Keta Hôtel - Restaurante (+245) 966 61 83 82

Varela

Chez Hélène (+245) 966 64 01 80 / 955 30 13 73

valscorpione@hotmail.com

www.facebook.com/Aparthotel-Chez-Helene

Bolol e Elalab (aldeias felupes)

Casas comunitárias

Guias :

Elalab – Lucas (+245) 955 86 41 13 /

Alexandre (+245) 955 35 66 63

Elia – Jose Carlos (+245) 969 24 09 46

Bolol – Ibu (+245) 966 45 36 87.

Operadores turísticos

Mélodie Ninnin em São Domingos

(+245) 969 29 04 08

melodie.ninnin@free.fr

Transafrica

(+228) 222 168 23

transafrica@transafrica.biz / roberto@transafrica.biz

www.transafrica.biz/en/tour-guinea-bissau.php

Casa felupe do rei de Elia





Um mosaico de zonas húmidas

O Parque Natural, com os seus 880 km², protege uma grande diversidade de zonas húmidas.

Além da lagoa de Cufada propriamente dita, maior lago de água doce da Guiné-Bissau, integra dois outros lagos mais pequenos, uma parte do rio Corubal que constitui o principal curso de água do país, enquanto o seu limite sul engloba uma parte do Rio Grande de Buba, que é na realidade um braço de mar, com as suas margens povoadas de tarrafes. O Parque protege igualmente formações vegetais importantes

como florestas-galerias e alguns maciços florestais densos. Esta diversidade de ambientes é habitada por uma fauna notável, que inclui 54 espécies de mamíferos e 337 espécies de aves, nomeadamente aves aquáticas, que estão na origem da classificação do Parque como “Zona Húmida de Importância Internacional” ao abrigo da Convenção de Ramsar.





Mulheres da associação Bubacalhau (Buba)

Mulher beafada

Populações dependentes dos recursos naturais

As principais etnias que residem no Parque são Beafadas, Fulas, Mandingas e Balantas, as três primeiras de religião muçulmana e a última animista. São essencialmente agricultores que cultivam arroz pluvial, milho, amendoim, feijão e mandioca. As mulheres são responsáveis mais particularmente pela orizicultura de *bas-fonds*, a apanha de frutos silvestres e as atividades extrativas (óleo de palma, sal). A produção de anacardo (castanha de caju) ocupa um lugar cada vez mais importante. A etnia Balanta distingue-se pelo domínio da orizicultura em solos de mangal segundo saberes e tecnologias notáveis necessárias para contornar a presença de sal nos solos. As mulheres balantas praticam a pesca, a apanha de moluscos e de crustáceos. As atividades extrativas, de caça ou de pesca estão sujeitas à autorização dos chefes tradicionais, que participam assim na gestão do local.



Cajus



Criança com cacho de chabéu



Os lagos e as savanas húmidas, no coração de uma natureza selvagem

Cufada e Bionra são lagos de água doce permanentes rodeados de pântanos que se estendem até ao rio Corubal. A zona funciona como uma grande esponja que enche de água durante a estação das chuvas e alimenta pouco a pouco o lençol freático e os poços da região durante a estação seca. Os lagos são ocupados por uma vegetação aquática constituída por arroz silvestre à volta e por nenúfares nas partes mais profundas. As margens exteriores são cobertas de planícies inundáveis ou de floresta, desenhando em conjunto uma paisagem admirável. Os passeios de canoa no lago de Cufada oferecem momentos inesquecíveis de calma e serenidade no coração de uma natureza selvagem.



Jacana-africana



Patos-de-faces-brancas

Observa-se uma diversidade de aves aquáticas, nomeadamente durante a estação seca. Os gansos (ganso pigmeu, ganso-da-gâmbia) convivem com patos (*Dendrocygne viduata*), pelicanos e corvos-marinheiros nas partes profundas. Várias espécies de garças e garças-reais assim como groux coroados catam comida nas margens, enquanto jaçanãs deslocam-se delicadamente sobre as folhas de nenúfar e águias pesqueiras sobrevoam a superfície da água à procura de algum peixe.



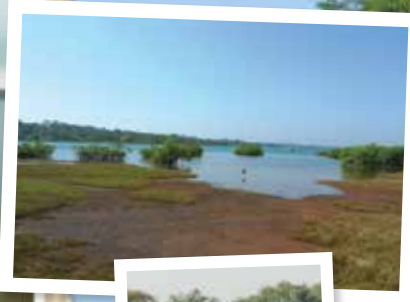
Pica-peixe-de-peito-azul



Lagoa de Cufada



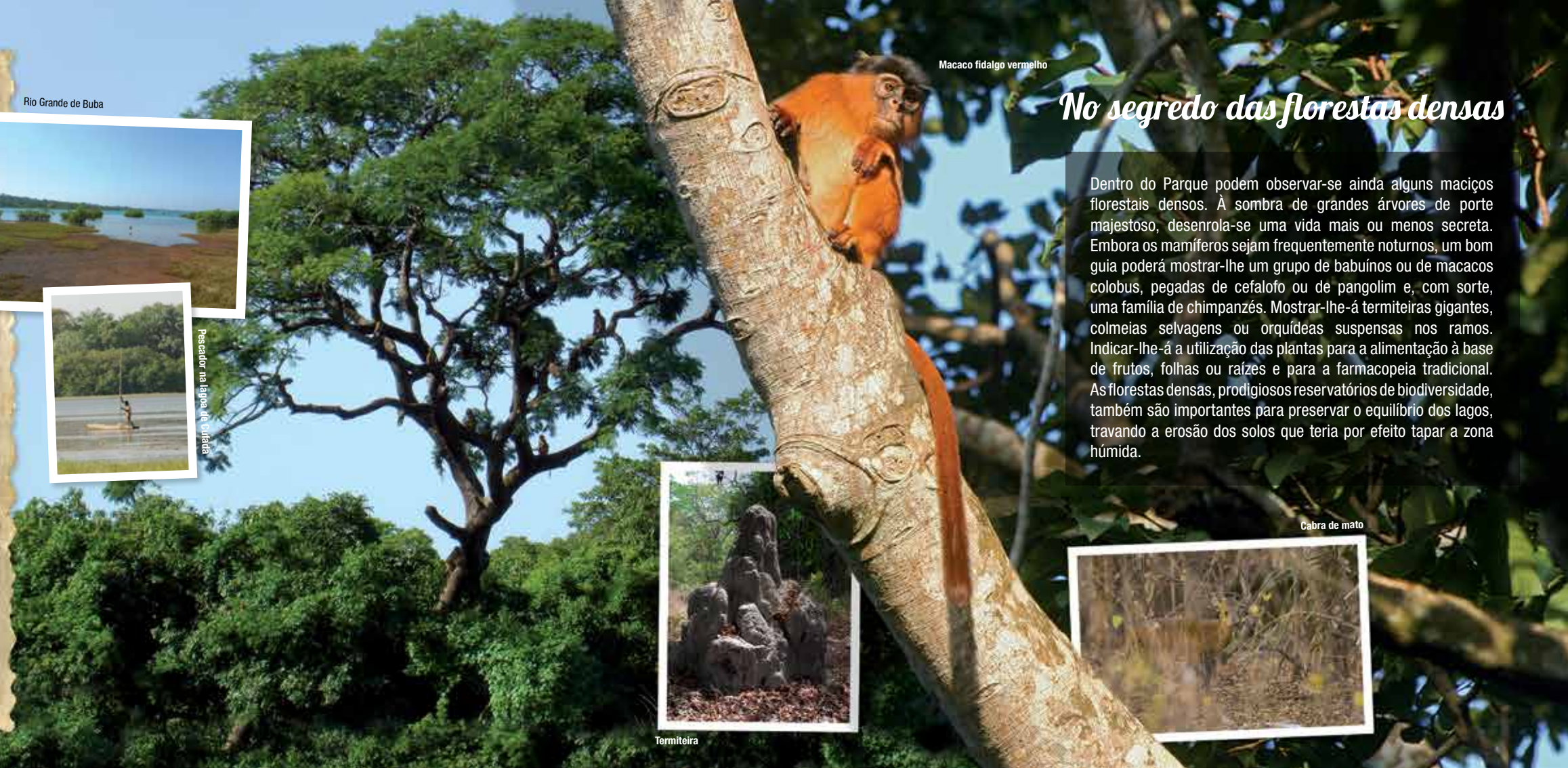
Rio Grande de Buba



Pescador na lagoa de Cufada

O Rio Grande de Buba e os seus numerosos braços secundários

Uma parte da margem norte do Rio Grande de Buba foi incluída dentro dos limites do Parque de Cufada. Não se trata de um rio propriamente dito mas de uma ria, isto é um braço de mar que penetra na terra. Uma multidão de braços secundários, os bolons, desenha os contornos da margem em forma de folha de carvalho, contornos sublinhados por uma linha de tarrafes. Por vezes avista-se na curva de um bolon um pescador a pé lançando a sua rede de mão ou uma canoa a deslizar silenciosamente na corrente. Observam-se aves aquáticas ao longo das margens e pássaros no mangal e, no rio propriamente dito, golfinhos e manatins.



Macaco fidalgo vermelho

No segredo das florestas densas

Dentro do Parque podem observar-se ainda alguns maciços florestais densos. À sombra de grandes árvores de porte majestoso, desenrola-se uma vida mais ou menos secreta. Embora os mamíferos sejam frequentemente noturnos, um bom guia poderá mostrar-lhe um grupo de babuínos ou de macacos colobus, pegadas de cefalofo ou de pangolim e, com sorte, uma família de chimpanzés. Mostrar-lhe-á termiteiras gigantes, colmeias selvagens ou orquídeas suspensas nos ramos. Indicar-lhe-á a utilização das plantas para a alimentação à base de frutos, folhas ou raízes e para a farmacopeia tradicional. As florestas densas, prodigiosos reservatórios de biodiversidade, também são importantes para preservar o equilíbrio dos lagos, travando a erosão dos solos que teria por efeito tapar a zona húmida.



Termiteira



Cabra de mato

COMO ORGANIZAR A SUA VISITA

Informar-se

Na sede do INPA em Bissau, ou na sede do Parque em Buba: recepção, informação, documentação, preços de entrada. Disponibilidade de guias locais.

Miradouro de observação na Lagoa de Cufada



Passeio de canoa



Nenufar

Visitar, descobrir

Guias locais poderão levar-vos a descobrir os seguintes circuitos:

- 1 • Percurso "Florestas de Bacar Conté"**
A viagem irá levá-lo ao longo das margens do rio Corubal, principal curso de água da Guiné-Bissau ainda em estado selvagem e onde ainda vivem alguns grupos de hipopótamos. Navegará assim ao longo das florestas-galerias que rodeiam o rio, oferecendo uma paisagem diferente e uma fauna particular. Se o horário da maré for favorável, é possível observar o fenómeno do macaréu. Duração da viagem: cerca de 1h30.
- 2 • Percurso "Lago de Cufada"**
Após uma apresentação geral do sítio pelo guia, embarca-se em canoas sobre águas tranquilas até ao miradouro situado na outra margem. A partir daí oferece-se uma vista geral do lago e das florestas circundantes onde se pode observar a paisagem e a avifauna. Um piquenique pode ter lugar sobre o miradouro. No regresso o passeio de canoa pode prolongar-se à vontade. Duração do percurso: cerca de 3h.
- 3 • Passeio no Rio Grande de Buba**



PARQUE NATURAL
DAS LAGOAS
DE CUFADA



Onde hospedar-se
ou comer no Parque
e seus arredores?

cf.
mapa
p.41



Buba

Pousada Bela Vista (+245) 966 64 70 11 / 955 37 80 89

Berço do Rio (+245) 955 70 57 00 / 966 62 47 86

Buba Hotel (+245) 955 92 99 66

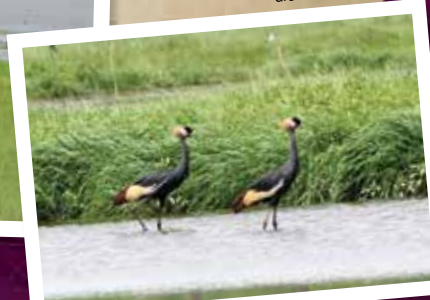
Saltinho Pousada de Saltinho

Mamadu Aliu Djalo (+245) 955 99 88 00

http://gw.geoview.info/pousada_do_saltinho



Grous-corrados





As maiores manchas de floresta densa do país

O Parque Nacional de Cantanhez foi criado para conservar as maiores manchas de floresta densa do país, alguns dos quais são florestas primárias.

Integra um património cultural interessante pela diversidade étnica da sua população mas também porque as suas florestas abrigaram os combatentes da luta pela independência, constituindo assim um símbolo nacional.

Além das florestas, os 1 057 km² do PNC albergam uma grande diversidade de habitats naturais como braços de mar, mangais, florestas secas e savanas, aos quais se acrescentam os espaços transformados pelo ser humano como arrozais, palmares, pomares (caju, citrinos). Estes mosaicos explicam a diversidade da flora e da fauna, com espécies emblemáticas como o chimpanzé e o elefante.

A população humana é composta das etnias Nalú, Balanta, Sussu, Tanda, Djacanra e Fula, cada uma delas praticando um sistema de produção próprio. O desafio consiste numa combinação harmoniosa entre as necessidades do desenvolvimento e as da conservação da biodiversidade.



As populações presentes

O povoamento da península de Cantanhez inicia-se com a instalação dos Nalús antes do século XV, uma etnia antigamente animista, originária da Guiné-Conacri e praticando a extração do azeite e do vinho de palma, a agricultura pluvial e a pesca ao longo dos braços de mar. Em meados do século XIX chegam os Fulas, que empurram os Nalús para sul. Inicialmente pastores nómadas, sedentizam-se praticando uma agricultura sobre queimadas e introduzindo a religião islâmica. No final do século XIX os Sussus, provenientes da Guiné-Conacri, aliam-se aos Nalús para conter a progressão dos Fulas. A sua especialidade, a fruticultura, irá também ter impacto sobre a evolução das florestas. A última vaga é constituída pelos Balantas, chegados no início do século XX, e que trazem um saber-fazer notável em matéria de orizicultura em solos de mangal.

Curandeiro da floresta de Lautchandé

Serviços à humanidade

A criação do Parque Nacional de Cantanhez foi guiada pela necessidade de conservar as florestas e os múltiplos serviços que elas oferecem às comunidades humanas. Através da sombra e da humidade que delas emanam, mantêm um clima favorável e nomeadamente chuvas abundantes. A sua importância em relação ao clima provém igualmente da sua capacidade de sequestrar o dióxido de carbono (um gás com efeito de estufa) durante o processo de fotossíntese, para armazenar o carbono nos troncos, ramos e raízes das árvores. A sua folhagem impede que as grandes chuvas caiam com força no solo e arrastem por erosão as camadas de húmus mais férteis. As raízes das árvores ajudam a água das chuvas a penetrar no solo e alimentar os lençóis freáticos.

As florestas de Cantanhez são um verdadeiro reservatório de biodiversidade que contribui para a qualidade de vida dos habitantes na alimentação, a farmacopeia, os combustíveis, a construção de habitações ou de pirogas, o artesanato. Algumas delas, consideradas florestas sagradas, desempenham também um papel no plano espiritual e cultural, nomeadamente durante os períodos de iniciação das etnias animistas.



Trabalho dos sulcos nos arrozais



Caminho na floresta

Pequenos núcleos de florestas primárias de considerável interesse florístico

Confinando com a extremidade ocidental do centro de endemismo guineo-congolês, e abrigando ainda nos nossos dias ilhéus de florestas primárias, o Parque apresenta um enorme interesse florístico. Foram identificadas pelo menos 840 espécies de plantas, grande número das quais é utilizada na farmacopeia ou na gastronomia tradicional. Um estudo mostrou que só os Nalús identificam e utilizam 203 plantas diferentes.

Os gigantes da floresta elevam-se a mais de 30 metros de altura, expondo a sua copa à luz e ao calor. É lá que se encontra o máximo de flores e frutos. Sob a sua cúpula reina um clima de escuridão, fresca e humidade onde se desenvolvem outras espécies de porte mais alargado e com folhas maiores para aproveitar melhor a luz. A fraca luminosidade que chega ao solo explica a relativa ausência de vegetação herbácea. Neste ambiente fechado onde o ar não circula, a polinização e a dispersão das sementes são feitas através dos macacos, morcegos, aves e insetos que consomem frutos e flores.

Florestas e arrozais



A agricultura itinerante com recurso às queimadas

Cada ano partes da floresta são queimadas para obter terrenos aptos para a agricultura. São plantados arroz, milho-miúdo, sorgo ou milho que beneficiam das fortes chuvas para se desenvolver. Os solos oferecem fracas colheitas e raramente são explorados mais de dois anos consecutivos para os cereais. O terreno é então deixado em pousio para ser novamente explorado cinco a sete anos mais tarde, ou plantado com árvores de fruto (caju, banana, citrinos). A agricultura sobre queimadas é uma das principais causas da desflorestação. A fauna selvagem, privada do seu habitat natural, vira-se para os pomares, provocando conflitos com os agricultores.





Os chimpanzés, protegidos por tabus

Os chimpanzés fazem parte das espécies animais ameaçadas de extinção. A Guiné-Bissau conta entre 600 e 1 000 indivíduos, dos quais uma parte significativa habita as florestas de Cantanhez. Vivem em grupos de 5 a 10 indivíduos que percorrem grandes áreas para satisfazer um regime alimentar variado. Igualmente à vontade no solo e nas árvores, exploram todos os estratos da floresta à procura de frutos, folhas, flores e insetos, e mais raramente de pequenos mamíferos. Como o ser humano, são capazes de utilizar ferramentas: paus para capturar térmitas nas termiteiras, esponjas de folhas mastigadas para procurar água, martelos de pedra para quebrar nozes. Estão ativos principalmente de manhã e no fim do dia e descansam nas horas quentes. A noite constroem o seu ninho nas árvores, principalmente nas palmeiras, dobrando os ramos para o interior.

Embora protegidos por tabus devido à sua semelhança com os humanos, as suas mútuas relações tendem a deteriorar-se devido à evolução concomitante da agricultura e da desapareição e fragmentação das florestas. A existência do Parque Nacional de Cantanhez e as ações de conservação das florestas permitem atenuar este conflito entre o ser humano e o seu primo afastado.



Um lugar de importância ecológica internacional

Os insetos são numerosos no ambiente florestal. Só as térmitas representam até 70% dos invertebrados no solo e desempenham um papel essencial na decomposição da matéria vegetal. As termiteiras, verdadeiros castelos de argila, são construídas de forma a poder gerar correntes de ar a fim de manterem uma temperatura e uma humidade constantes.

Até agora foram observadas 194 espécies de aves no Parque, considerado por esta razão como uma IBA (*Important Bird Area*) a nível internacional pela Organização Birdlife. O estudo dos mamíferos revelou a presença de pelo menos 84 espécies, 33 das quais classificadas entre as categorias “vulnerável” e “em perigo crítico de extinção” na lista vermelha da UICN. Entre os herbívoros as espécies emblemáticas são o elefante de savana, o búfalo, o hipopótamo e, no ambiente marinho, o manatim. Todas elas são difíceis de observar, contrariamente aos macacos colobus, babuínos, chimpanzés e outros primatas.



Pavão-real

O pangolim com o corpo coberto de escamas e o oricterope são grandes consumidores de térmitas. Entre os predadores regista-se a presença discreta do leopardo e de 23 outras espécies de carnívoros de menor tamanho como o cervat ou a lontra. Os répteis estão representados pelo crocodilo do Nilo, ainda abundante ao longo das margens dos rios Cacine e Cumbidjá, assim como por serpentes como a jiboia ou as mambas de veneno fulminante.



Gato-de-almôga



Gazelas-pintadas

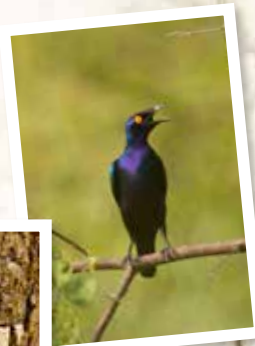
COMO ORGANIZAR A SUA VISITA

Informar-se

Na sede do INAP em Bissau ou na sede do Parque na aldeia de Iemberém: recepção, informação, documentação, preços de entrada. Disponibilidade de guias locais, aluguer de canoas, pirogas e bicicletas



Poião



Melro-metálico-cardeal

Visitar, descobrir

- 1 • **Balana - Guiledje**
Quartel colonial, museus (guerra de libertação nacional, ambiente & cultura)
- 2 • **Canamina**
Floresta densa, tarrafes, primatas, oricteropes, passeio de canoa
- 3 • **Lautchandé**
Floresta densa, chimpanzés, búfalos, macacos colobus
- 4 • **Cidade de Farim**
Memorial dos Antigos Combatentes do Paicg
- 5 • **Cadique Nbitna**
Arrozais, palmeiras-leque, tarrafes
- 6 • **Ilha de Melo**
Tarrafes, campismo na praia, pesca desportiva, observação das aves



Chimpanzés

PARQUE NACIONAL DE
CANTANHEZ



Onde hospedar-se
ou comer no Parque
e seus arredores?

cf.
mapa
p.49



Guiledje

Bungalows de Guiledje

Faro Sadjuma

Casa Rural de Faro Sadjuma

Iemberem

Acampamento ecoturístico de Iemberém

Informações e reservas:

ONG Acção para o Desenvolvimento

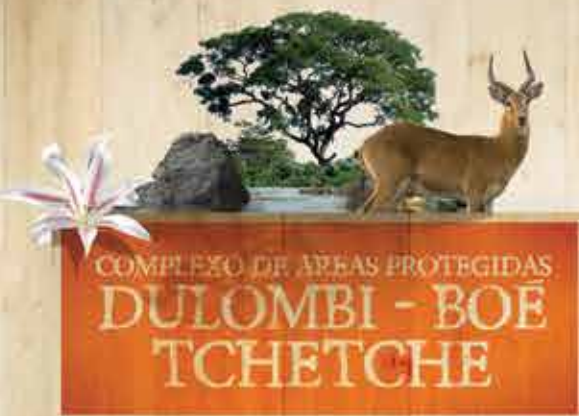
Bairro de Klelé, Bissau (+245) 955523358

ad.gbissau@gmail.com

www.adbissau.org



Casas comunitárias de Iemberém



Nos confins do país, oásis de biodiversidade

Situado no sudeste do país, o complexo é composto por dois parques nacionais e três corredores de fauna, cobrindo uma superfície total de aproximadamente 2 800 km².

Inclui uma parte da bacia hidrográfica do rio Corubal assim como ecossistemas continentais (florestas, savanas) situados nos limites dos contrafortes do maciço de Futa Djalon. O relevo é desnivelado, formado por colinas cuja altitude não ultrapassa 400m, entre as quais existem vales e depressões denominadas *wendos*, como o Wendo Tcham classificado zona húmida de importância internacional no quadro da Convenção de Ramsar, e cursos de água que formam zonas húmidas mais ou menos temporárias. Este conjunto de ambientes desempenha um papel importante tanto para as populações como para a biodiversidade.



Boca branca

As populações presentes e os seus sistemas de produção

A região era antigamente habitada pelos Mandingas na sua parte oriental e pelos Beafadas na sua parte ocidental. Os Fulas começaram a sua invasão no século XIII impondo a sua presença como pastores nómadas, e as outras etnias tornaram-se progressivamente minoritárias. A organização social dos Fulas é caracterizada pela presença de castas entre as quais os reis, os seus servos, os músicos e os guerreiros. O povo divide-se igualmente em castas profissionais como os ferreiros, tecelões, carpinteiros, camponeses e, na base da escala, os “cativos”, antigos prisioneiros de guerra que integraram as famílias. O “reino” ou regulado, que representa o nível superior de administração territorial dos Fulas, engloba um conjunto de aldeias gerido por um chefe de aldeia “*djarga*”, os anciãos e pelo imame no que diz respeito às prerrogativas costumeiras. Sete regulados foram identificados no complexo de áreas protegidas Dulombi-Boé- Tchetché.

O crescimento demográfico e as transformações socioeconómicas impulsionadas pela colonização (impostos, trabalho obrigatório, imposição do amendoim como cultura de exportação) levaram os Fulas a se deslocarem com os seus rebanhos para outros lugares, a se tornarem comerciantes, agricultores ou pescadores. O sistema de produção inclui as culturas de quintal (legumes, tubérculos), os cereais, a orizicultura sobre queimadas ou de *bas-fonds* e a fruticultura (sobretudo o caju), ao qual se acrescenta a criação de gado. A economia familiar baseia-se igualmente na exploração dos produtos florestais, na fauna selvagem e, em menor medida, na pesca praticada nos cursos de água ou nos lagos temporários.

Mulher fula

Património cultural e histórico

A descoberta da cultura e das tradições fulas é um dos aspetos mais interessantes de uma estadia na região, quer se trate do modo de vida, da arquitetura, da música e a dança, da gastronomia ou do artesanato. As habitações são construídas de forma original, utilizando uma mistura de argila e esterco de vaca que permite manter uma certa frescura no interior das casas mesmo nas horas mais quentes do dia. Embora islamizadas, as etnias presentes conservam ainda hoje algumas zonas de carácter sagrado como florestas, fontes, afloramentos rochosos ou grutas. A região apresenta um património histórico particular relacionado com o antigo império mandinga, as conquistas fulas e, mais recentemente, a guerra de independência. Os vestígios da presença militar portuguesa ainda podem ser observados em muitos lugares. Eles são atualmente visitados regularmente pelos antigos colonos num espírito de “turismo de memória”. Foi aqui que se desenrolaram alguns dos episódios mais gloriosos da luta de libertação nacional, liderados por heróis como Domingos Ramos ou ainda Amílcar Cabral, figura emblemática da luta. Pouco depois do assassinato deste último em Conacri a 20 de janeiro de 1973, realizou-se em Boé, no local doravante conhecido sob o nome de “a colina da independência”, o II Congresso do PAIGC, assim como a 1ª reunião da Assembleia Nacional Popular, onde foi proclamada a criação do Estado da Guiné-Bissau.



Dança tradicional fula



Amílcar Cabral ©DR

Paisagem sobre o rio Corubal

Pesca com rede de arremesso, Vendu Tcham



Paisagem de Boé

Os meios naturais

O complexo DBT apresenta um mosaico de formações vegetais composto de florestas-galerias e palmares densos ao longo dos cursos de água e dos lagos, substituídas por florestas secas à medida que se afasta das zonas húmidas. Estas florestas são sucedidas por sua vez por savanas arborizadas e depois por savanas herbáceas cuja existência está frequentemente associada à presença da couraça laterítica, o “*boual*”.

Contrariamente ao resto do país, a região apresenta alguns relevos, afloramentos de grés alguns dos quais são considerados sagrados, relacionados com a presença de grutas que abrigam por vezes grandes concentrações de morcegos. O rio Corubal, cujo regime depende estreitamente das precipitações observadas no maciço de Futa Djalón na Guiné-Conacri, é o único rio de água doce da Guiné-Bissau. É ocupado por

ilhas onde se pode acampar em plena natureza selvagem num silêncio apenas perturbado pelo canto dos pássaros ou o grito distante de uma família de chimpanzés. O rio é percorrido por rápidos como em Cussilintrá, cujo nome em língua beafada significa “mur-múrio das águas”. Na parte a jusante do rio, perto da foz, é possível observar o fenómeno do macaréu no tempo das grandes marés.

Abelharucos-dourados

A biodiversidade

A diversidade dos ambientes naturais e a baixa densidade humana explicam a presença de uma biodiversidade ainda excecional, que está na origem da classificação de uma parte desta região como área protegida. Das 74 espécies de mamíferos recenseadas, várias são consideradas ameaçadas de extinção e situam-se no limite extremo da sua área de distribuição. Observa-se a presença do leão e o leopardo, o hipotrago e o cobo-de-buffon,

Leopardo e gazelas-de-lala



Gazela-de-lala



Crocodilo



Chimpanzé

os búfalos de floresta e de savana, o chimpanzé, o hipopótamo ou o crocodilo do Nilo. No Parque de Dulombi pode-se observar por vezes pequenos grupos de elefantes durante a estação das chuvas. Os inventários de répteis, anfíbios ou de aves, ainda em curso, confirmam a existência desta extraordinária diversidade. A presença de corredores de fauna que ligam as áreas protegidas entre elas e com os outros parques situados mais a oeste (Parque Natural de Cufada) e a sul (Parque Nacional de Cantanhez) favorecem os intercâmbios entre as diferentes populações destas espécies, melhorando assim as condições da sua proteção. Esta conectividade tende a estender-se em direção ao Senegal (Parque Nacional do Niokolo Koba) e à Guiné-Conacri (Parque Nacional de Badiar).

COMO ORGANIZAR A SUA VISITA

Informar-se

Na sede do Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (Ibap).

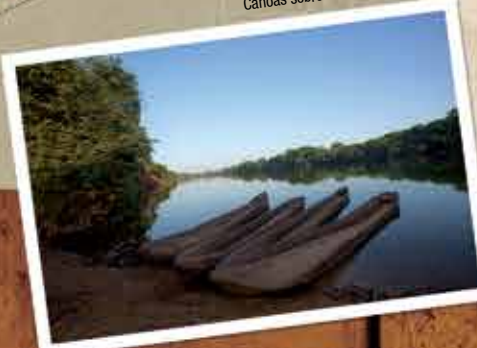
Na sede do Parque de Boé, em Beli:
Receção, informação, documentação,
preços de entrada.

Na sede do Parque de Dulombi, em Dulombi:
Receção, informação, documentação,
preços de entrada.

Paisagem de termiteiras em cogumelo

Visitar, descobrir

- 1 • **O lago Wendo Tcham:** zona húmida de importância internacional, e as suas aves aquáticas e outros wendos. Passeio de canoa, observação da fauna e trekking nas florestas circundantes.
- 2 • **A ilha de Cofara** o rio Cofara e suas salinas, presença de fontes quentes, trekking.
- 3 • **A pesca desportiva** à linha ao longo do rio Corubal.
- 4 • **Praias ao longo dos rios Peli e Corubal**, rápidos, passeio nas florestas-galerias e locais de natação.
- 5 • **A grande fauna e numerosas espécies de aves aquáticas e de florestas:** em Boé, nas florestas densas perto da confluência dos rios Corubal e Tefine, e em Dulombi, nas florestas perto do rio Corubal e do rio Campossa (chimpanzé, búfalo, leopardo, hipotrago, hipopótamo, crocodilo, e outras espécies de primatas e ungulados).
- 6 • **Lugares de memória:** Lugadjol, local da proclamação da independência; Boé, túmulo do herói nacional Domingos Ramos.
- 7 • **Exploração das grutas** nas proximidades dos rios Corubal e Tefine.



Onde hospedar-se
nos arredores do
Complexo DBT?

cf.
mapa
p.59



Beli

Fonda Huuwa

9 bungalows (15 camas), restauração em cozinha e produtos locais, presença de guias para a observação da fauna (nomeadamente chimpanzés),
Beli - Julio Djalo (+245) 955 82 29 54

Saltinho

Pousada de Saltinho

Mamadou Aliu Djalo (+245) 955 99 88 00
http://gw.geoview.info/pousada_do_saltinho

Organização de expedições de ecoturismo
e pesca no rio Corubal

M'île vagues de Découvertes

(+245) 966 99 38 27 / 966 79 49 65
laurentsonia.kere@gmail.com
France: kere.bijagos@gmail.com (+33) 06 65 67 55 88
Sites: <http://bijagoskere.fr> - <http://aventure-corubal.fr>
Facebook: Île de Kéré

A **Guiné-Bissau** realizou esforços consideráveis para a conservação do seu património natural e cultural, nomeadamente através da criação de um sistema de **áreas protegidas** em vias de cobrir **26% do território nacional**.

O presente Guia, produzido pelo Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas em colaboração com o Ministério do Turismo e Artesanato e as ONG, visa valorizar estes esforços de conservação através do desenvolvimento do ecoturismo, uma atividade igualmente destinada a gerar receitas em benefício das comunidades residentes dos parques.

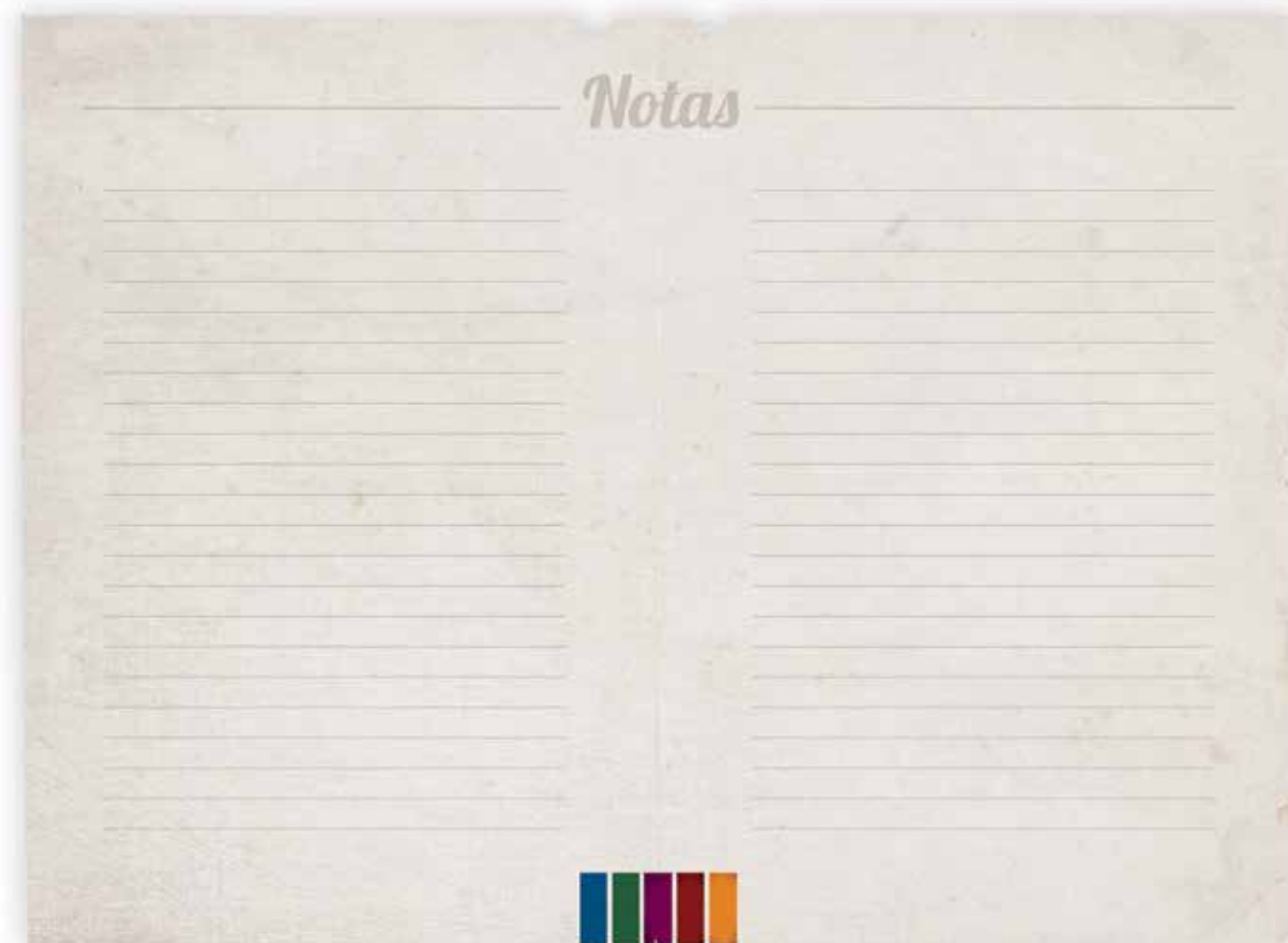
Para mais informações sobre as condições de visita das áreas protegidas, contactar o IBAP.



Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas [IBAP] - Avenida Dom Settimio
Arturo Ferrazetta Bairro de Luanda, Bissau.
Telefone: +245 320 71 06 / 07
ecoibap@gmail.com
www.ibapgbissau.org



E o Ministério do Turismo e Artesanato
Av. Combatentes da Liberdade da Pátria
Palácio do Governo
Bissau
cgmtagb@gmail.com



Agradecemos às pessoas e associações seguintes por terem cedido gentilmente as suas fotografias:

Alison Hales, Miguel Lecoq, Noé Conservation, Jeff Hellio & Nicolas Van Ingen, Emanuel Ramos, Régis L'Hostis (byReg'), Pierre Campredon, Chimbo, Augusta Henriques, Abilio Rachid Said, JP Granadeiro, Betania Ferreira, Tayana Humle, Nicolas Bout, En Haut!, Nathalie Cadot, Antonio Araujo, Agence Spatiale Européenne



A publicação do presente Guia contou com o apoio financeiro da Fundação MAVA e a assistência técnica da UICN.

Artes gráficas e cartografia :



[www.designbyreg.dphoto.com]

/ Tradução da versão portuguesa: Teresa Montenegro

EDIÇÃO Fevereiro de 2016

Impresso em papel certificado



THE PROTECTED AREAS OF
GUINEA-BISSAU
Guide to ecotourism



Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas [IBAP]
Avenida Dom Settimio Arturo Ferrazetta - Bairro de Luanda, Bissau
Telefone: (+245) 320 71 06 / 07 - ecoibap@gmail.com
www.ibapgbissau.org

GUINÉ-BISSAU, TERRA DA BIODIVERSIDADE